



Caderno de  
Leituras n.174/24

Orelhas  
Melinna Guerrero

Este ensaio foi publicado em 22 de janeiro de 2024, no *Periódico de Poesía* da Universidad Nacional Autónoma de México, com o título “Orejas” e está disponível em:  
<https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/orejas/>

*para oír el silencio aguza los oídos  
escúchalo una vez y no vuelvas a oírlo*

*si te tapas la oreja izquierda oirás el infierno  
si te tapas la derecha oirás... no te digo*

Fabio Morábito

## I

Só através de uma fotografia podemos ver as próprias orelhas. É impossível vê-las de outra maneira; existir e ver nossas orelhas. São os outros que sabem de que maneira elas estão posicionadas em nós e o que existe dentro delas. Sendo assim, as orelhas constituem um lugar que nunca poderemos visitar, a menos que seja através de um terceiro, através daqueles aos quais entregamos nossa confiança para que as observem.

Somos uma terra distante para nós mesmos; muitas partes do nosso corpo são lugares que nunca poderemos ver. E nomeá-las seria a única maneira que temos de transformar aquilo que não está ao alcance da vista em uma propriedade privada. Dizer: “orelhas, coração, esterno, fêmur”; dizer: “debaixo da pele, a carótida se desenha como um rio permanente”.

Tudo o que sei sobre minhas orelhas, diante do espelho, é através das mãos. Os dedos, principalmente o indicador, visitaram esses dois planetas, os mesmos que avisam ao mundo se pelo corpo se passaram dez, quarenta ou sessenta anos. Na velhice, a cartilagem pode sofrer degenerações; a gravidade cumpre o seu papel, e então podemos chegar a observar as orelhas, senti-las, como há anos se viam as do meu avô: alongadas, espessas e gigantes.

Meu avô tinha um dom especial quando se tratava de orelhas; conseguia mexê-las conscientemente. Durante a nossa infância, a cada domingo, éramos seu público mais fiel; meus irmãos e eu assistíamos a seu talento extraordinário. Meu avô nos observava de sua poltrona, nos encorajava a prestar toda a atenção que um ato como aquele demandava. Caíamos na gargalhada, como se as risadas de cada um dos seus netos fossem folhas da árvore que meu avô era. Ele nos oferecia suas orelhas como se nos desse um presente. Quantas vezes o corpo não é, senão, uma oferenda?

Meu avô nos presenteava com as suas orelhas, depois com os seus olhos alegres e, por fim, com o seu nariz enrugado. Nos fazia rir através das orelhas; nos abraçava com elas.

## II

Só Alan aprendeu, mas todos em casa queríamos treinar para conseguir de verdade. Perguntávamos aos outros se já tinham conseguido; se, subitamente, as orelhas haviam decidido responder à nossa vontade, mas só Alan herdou, do meu avô, o movimento daquelas duas perguntas que bordeiam as nossas cabeças.

Ainda que digam que seja possível, para aqueles que queiram aprender, abanar as orelhas à vontade; que tudo se deve aos três músculos da orelha estarem unidos ao nervo facial, o que acaba gerando as caretas deladoras de nossas intenções. No entanto, logo que deixamos a terra da infância, nos esquecemos da ginástica que faltaria para sempre às nossas orelhas. Alan, que um dia viajaria a quilômetros de distância daqui, também levou o segredo com ele.

Mas às vezes, quando estou sozinha, entro no quarto da memória, me sento junto aos meus irmãos, envoltos pelo sol de domingo, e tento de novo. Pergunto-lhe, olhando para ele: “Vô, agora sim, elas se mexeram?”

## III

Talvez seja apenas um código que ele e Alan aprenderam a decifrar. Ambos sabiam algo que nós entenderíamos depois: “Aqui, esta graça, esta possibilidade do corpo, é a nossa linguagem, nosso *léxico familiar*”.

## IV

Me dá medo saber que algum dia a vida se apagará, como aconteceu com aquelas canções que minha avó tanto gostava de ouvir no rádio. Penso, ao entrar pela última vez na casa dela, que a vida

é sobretudo ruído. Faz tempo que minha avó deixou de escutar com clareza. Agora suas orelhas se transformaram em flores. As palavras dos outros ficaram de fora, e ela só as recebe se falarmos mais alto e se repetirmos por partes o que lhe dissemos.

Talvez suas orelhas tenham sido abertas por dentro, para que ela possa escutar sua própria voz mais claramente, ainda que nós achemos que essa deficiência auditiva signifique apenas silêncio.

*Vó, para onde vão as palavras que você diz dentro de você?* Digo sem dizer, repetindo qualquer pergunta para que ela me conte o que cresce nessa casa que também não poderei visitar. Mas o que recebo são retalhos de um tear maior, fragmentos de sua infância de que ela se lembra com precisão; depois, canções desconhecidas para mim. Trato de fazer alguma coisa com o que ela me dá, relembrar o tear com perguntas absurdas, elaborar um texto que possa me abrigar.

## V

Resta-me a esperança de que a orelha interior da minha avó possa ser herdada e que no futuro ela se abra em mim, para dentro. Uma orelha que tenha a missão de escutar apenas a nós mesmas. Uma orelha que não emprestemos a ninguém.

## VI

Quando as orelhas detectam nossa vergonha, nosso nervosismo e nossa culpa, se inflamam. Vermelhas de aflição, inflamam-se também as mãos e nos damos conta de que o calor se instalou ali; são nosso termostato emocional. Elas abrem ou fecham a irrigação sanguínea que vem do que nos atravessa; se o exterior era inóspito, se a nossa aflição é visível, basta tocá-las para saber o estado da coisa.

## VII

Orelhas acesas também podem ser bonitas. Compreenderei isso muito depois de ter lido o livro de Kawabata em que as orelhas das belas adormecidas tinham a “coloração rosada do calor do sangue”. Depois do livro se transformar em carne da minha memória, saberei que as orelhas vermelhas são nossas primeiras lições de cor.

Decidirei começar um diário e nele inscreverei as orelhas do meu avô, as pequenas orelhas da minha mãe, as orelhas recém-crescidas do Diego; escreverei em maiúsculas as orelhas do David, frias e vermelhas ao mesmo tempo, junto com aquele rubor que também

se nota no seu nariz. Então entenderei que, embora o inverno tenha passado entre os dois, bastava ver o vermelho das suas orelhas para saber para onde tinha ido o calor.

### VIII

Também nos lembra o mar, cada orelha que vemos, por sua semelhança com as conchas. Na beira da praia, apanhamos uma e a colocamos imediatamente na orelha esquerda, logo outra e, por fim, mais uma, porque essa é uma das maneiras pelas quais podemos ler o que nos diz a água. Cada concha distinta em sua espiral, em seu alegre vai e vem, nos dá uma nova palavra.

São orelhas daquela eterna mulher vestida de branco. Quem dera soubéssemos desde antes, desde sempre, que este corpo foi feito à sua imagem e semelhança.

### IX

Aldo cresceu com uma orelha diferente; a esquerda, onda e labirinto, se esqueceu de florescer como as demais. *O corpo tem suas formas de nadar em direção à margem do mundo.* Como uma concha diferente, vimos que nela também se abria o túnel das palavras, e sua forma distinta era apenas um sinal da beleza que existe naquilo que se nega.

“Na orelha do meu irmão, falta um pedaço”, costumávamos contar. “Tenho um irmão que nasceu sem um pedaço da orelha”. Honestos e por vezes cruéis, gostávamos de repetir aquela história, trazê-la à tona sempre que podíamos; narrávamos para quem quisesse. Minha mãe contava com ternura, e meu pai com nostalgia, daquele dia em que o viram pela primeira vez.

Criamos com palavras, com a soma de histórias, um novo lugar para a nossa geografia familiar; ali nos reuníamos em torno desta peça que logo nos faltou em casa. De repente, uma orelha comum nos apareceu.

### X

A verdadeira intimidade tem a ver com as orelhas. Serei capaz de ver crescer as do outro? Serei capaz de ver dentro delas?

As orelhas são grandes perguntas.

Caderno de Leituras 174 | 2024

Orelhas

*Orejas*

Melinna Guerrero

Edição Maria Carolina Fenati

Tradução Clara Delgado

Revisão da tradução Gabriel Bueno

Preparação de texto Maria Carolina Fenati

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Luísa Rabello

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, junho de 2024

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis

em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)